

Recordando Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007)

Manuel Gama*

Entendidas como testemunho, estas linhas são sobretudo uma recordação (etimologicamente, *trazer de novo ao coração*) do homem e do amigo Lúcio Craveiro da Silva, com quem convivemos mais de três décadas. Assim o vimos e assim o sentimos.

1.- Lúcio Craveiro da Silva foi um homem de serviço. Grande parte do seu percurso de vida passou-o em cargos de governo. Primeiro, fez uma longa formação em Filosofia, Teologia, Ciências Económicas e Ciências Políticas e Sociais. Depois, foi Provincial dos jesuítas portugueses (1958-1964) e, no âmbito das actividades desta Ordem religiosa, empenhou-se na fundação e direcção do Instituto Superior Económico e Social de Évora (1965-1971), assim como na direcção da Escola que esteve na génese da Universidade Católica Portuguesa, a Faculdade de Filosofia de Braga (1971-1976 e 1986-1994). Entretanto, já havia exercido também o cargo de director do Instituto Beato Miguel de Carvalho (1952-1958), em Braga, que antecedeu a referida Faculdade de Filosofia. Ainda em Braga – cidade onde passou a maior parte da sua vida e adoptou como sua –, teve prolongada ligação à Universidade do Minho, nela exercendo diversos cargos, desde elemento da sua Comissão Instaladora, passando pelo lugar cimeiro de Reitor, até Presidente do seu Conselho Cultural, função que desempenhou até à sua morte. Nesta última instituição era ainda chamado, com frequência, para ajudar nalguns problemas mais difíceis de resolver.

2.- Lúcio Craveiro da Silva era um humanista de alto quilate. Sendo um membro da Companhia de Jesus, condição que não escondia, não lhe encontrámos qualquer espírito clericalista. O homem – o homem de carne e osso, na expressão de Ortega y Gasset –, para ele, estava primeiro. Na sua conduta, tinha um saber muito especial para tratar com as pessoas. Todas, independentemente da sua condição, lhe mereciam igual consideração. A sua delicadeza e habilidade nas relações humanas, dizia

* Departamento de Filosofia e Cultura do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

tê-las aprendido de sua mãe, quando esta referia que as pessoas se levam melhor com jeito do que aos trambolhões.

Naquela sua postura humanista, não desprezava o cultivo da amizade. Para ele, a palavra «derrotado» tinha uma conotação muito intensa. Empregava-a sobretudo quando sentia que tinha falhado para com os amigos. Lembro-me, por exemplo, que a utilizou por mais de uma vez, em dias diferentes, quando, por esquecimento seu, não assistiu à conferência do seu amigo Dr. Henrique Barreto Nunes, no âmbito do ciclo de conferências dedicado ao benemérito bracarense Nogueira da Silva, organizado pelo Centro de Estudos Lusíadas, no âmbito do Conselho Cultural da Universidade do Minho.

3.- Era um homem que estimava e cultivava as suas raízes pátrias e locais, dedicando a sua atenção, e alguns estudos, aos tempos, povos e pensamento, próximos e longínquos da pré e pós-nacionalidade, com o «ser português» como preocupação de fundo. Os Lusitanos, a Galécia, a figura de Viriato eram objecto do seu interesse. Em recente passeio pelo alto da Serra da Estrela, lembro-me de ele ter trazido à conversa as grandes dificuldades de Viriato em deslocar-se por entre os montes Hermínios, que avistava ao longe. A terra do seu nascimento, nas faldas da Serra, tinha-lhe deixado uma marca peculiar, pensava ele. Seria aquela tenacidade do beirão, aquela força de vontade inquebrantável que, mesmo nos derradeiros anos da sua vida, brotava donde, aparentemente, as energias já se tinham esgotado. Era o gosto especial pelo característico queijo, que considerava inigualável. Era o saborear a beleza e o silêncio da Serra. Ele precisava de silêncios. A Serra da Estrela merecera-lhe até um poema, escrito em 1963, entre outros do seu livro de poesias. A última quadra é suficientemente elucidativa:

*Ó minha Serra da Estrela
Ó Serra da minha sorte,
dá-me a Estrela para a vida
dá-me a Serra para a morte.*

E assim foi. A Estrela acompanhou-o ao longo da vida. A Serra esteve-lhe na morte, pois já debilitado pela doença, ainda passou as últimas férias na Serra da Estrela,

donde regressou a Braga quatro dias antes da sua morte. Contemplando o pôr-do-sol majestoso, muito frequentes, por várias vezes o vi expressar o sabor da paz do silêncio da Serra. Os montes Hermínios serviram-lhe de «fuga» ao mundo durante quase quarenta verões. Vivía o ano com o sossego da Serra no horizonte.

4.- Sendo um homem de acção, era-o também de contemplação. Binómio caracteristicamente inaciano, que encontrava espelhado em duas figuras maiores da cultura portuguesa: Antero de Quental (contemplação) e Padre António Vieira (acção). Tal como Vieira, Lúcio Craveiro da Silva, era um vulcão em actividade, ainda que, aparentemente, parecesse adormecido. Era o genuíno lusitano do «antes quebrar que torcer», procurando até ao limite das suas forças que nem uma nem outra acontecessem. Tal como o seu confrade, duas características lhe estavam vincadas: o *gentleman* e o diplomata. Tanto vestia a gravata como o traje menor. O intelectual e o operário estavam em dignidade ao mesmo nível. A todos acolhia e a todos ajudada, se tal estivesse ao seu alcance.

Estava também perto do seu tão admirado Antero de Quental. Dedicou muito do seu pensar filosófico às suas ideias. Estava com o açoriano quando ele indagava o «querer ao menos saber para que veio ao mundo». Pena lhe fazia, que o homem dos Sonetos, no seio das suas íntimas interrogações metafísicas e religiosas, não tivesse encontrado a Estrela alumiadora. A Lúcio Craveiro da Silva ficou-lhe a Poesia e a Filosofia de Antero, que lhe serviam de chave-mestra, como espírito indagador da verdade, que sempre foi.

5.- Por ocasião das comemorações que várias instituições promoveram quando completou 90 anos, afirmou-se com humildade como um aprendiz. «Não sou mais do que um aprendiz na família, na Universidade, na Igreja e na Companhia de Jesus». Esta será talvez a maior lição que retenho da sabedoria do Prof. Lúcio.

Braga, Junho/2008.